

Obama por aclamação

por Mário Soares

1. A Convenção do Partido Democrático de Denver elegeu por aclamação – a proposta foi da Senadora Hillary Clinton – Barack Hussein Obama candidato do Partido Democrático às eleições presidenciais americanas de Novembro.

Apesar de tudo o que se pensou – e disse – para dividir o Partido e enfraquecer Obama, a Convenção de Denver resultou perfeita, sob todos os aspectos, mesmo como extraordinário espectáculo político de unanimidade. O discurso final de Obama, sem ponta de demagogia e de uma clareza de objectivos meridiana é, finalmente, o que fica para a História: a nomeação de um negro, sem contestação, como candidato à Casa Branca do maior partido americano. Mas o facto de ser negro, sendo altamente significativo, não será o mais importante. O mais importante é ser um americano de excepção, na linha de Lincoln, Franklin Roosevelt, Martin Luther King e Kennedy, que acredita, como os seus citados antecessores, nos grandes valores americanos – e universais – e pretende trazê-los de novo, com a justiça social e a moralidade, a uma Terra e a um Povo que, nos últimos oito anos, os tinha perdido e espezinhado, fora das suas fronteiras.

Claro que os cínicos e os partidários da chamada “real politik”, riem-se perante um idealista, com um sorriso de falsa superioridade, e dirão: “em política não há valores e o que conta são os interesses e a força”. Enganam-se. O que fica da espuma dos eventos e do tempo são os avanços civilizacionais, os valores humanistas e as ideias com possibilidade de fortalecerem no futuro. Acreditem! Qualquer que seja o resultado das eleições de Novembro – e eu não duvido da vitória de Obama! – a Convenção de Denver provocou um tal choque psicológico e moral na consciência americana que nada será como era. Guantanamo, Abu Ghraib, a desastrosa guerra do Iraque, as negociatas do petróleo e dos bancos (vários já em falência), o desprezo pelos equilíbrios ecológicos do Planeta, o acentuar das desigualdades sociais, o deficit externo sustentado pelo resto do Mundo, etc. – tudo isso vai mudar. A Convenção Democrática representou o fim de um ciclo. McCain, amigo e seguidor de Bush, por mais que tente – e tem-se esforçado, até na escolha da sua Vice, Sarah Palin, governadora do Alasca, uma antiga miss ultra-conservadora – representa o passado. Obama, a mudança, a esperança e o futuro. Inexoravelmente. “Já basta do mesmo!”, disse Obama no início do seu discurso de antologia. Todos os americanos o compreenderam, mesmo os que não gostam dele.

As grandes figuras do Partido Democrático apoiaram Obama, sem excepção. Os Clinton renderam-se, com inteligência e brilho, reconheça-se. Mas lá estiveram todos: doentíssimo, mas não quis faltar, Ted Kennedy, dos primeiros a perceber o fenómeno Obama, Carter, Al Gore, Albright, Biden, Kerry – todos! A partir de Denver começa o sprint final. A mudança e a esperança, vencerão!

2. Com a Rússia não se brinca nem se ameaça: negocea-se. Eis uma regra que os dirigentes europeus deveriam ter sempre presente e, nomeadamente, nos tempos que correm. Para

não se deixarem levar pela onda de propaganda, soprada pela Administração Bush, nem pelas provocações do perigoso presidente da Geórgia, Saakashvili.

Tem toda a razão o nosso ministro dos Negócios Estrangeiros, Luís Amado, quando, numa entrevista concedida ao Expresso, teve a coragem de criticar o modo como os Estados Unidos e a União Europeia têm tratado a Rússia, nos últimos anos. Durante a presidência portuguesa, Portugal bateu-se – e bem – para normalizar as relações entre a União e a Rússia, nomeadamente na Cimeira que promoveram. Mas, depois, a instalação dos mísseis na Polónia e na República Checa, o imprudente relacionamento criado pela NATO com os países limítrofes da Rússia, da Ucrânia, do Cáucaso e do Mar Cáspio, a independência do Kosovo, aplaudida pelos Estados Unidos e por boa parte dos países europeus, foram demasiadas provocações. Bernard Kouchner ameaçou aplicar sanções contra a Rússia. Quais e como?... A Rússia reagiu com brutalidade. Medvedev avisou: “Se a Europa quiser uma deterioração das relações, vai tê-la naturalmente”. Numa escalada preocupante, o Ministério da Defesa russo confirmou o êxito dos testes de um míssil balístico intercontinental, capaz de suplantar as tecnologias de defesa “inimigas”. Entretanto, a Rússia reconheceu a independência da Abkházia e da Ossétia do Sul. Como sempre, Putin, mais directo, acusou os Estados Unidos de terem empurrado a Geórgia para o conflito para beneficiar McCain, nas próximas eleições presidenciais, visto McCain ter apelado à expulsão da Rússia do G8. Que insensatez... Espero que o Conselho Europeu que está reunido, quando escrevo estas linhas, saiba moderar uma situação que pode tornar-se desastrosa...

3. E Angola? Há muito tempo que não falo nem escrevo sobre Angola. Mas isso não me impede – nem nunca impediu – de ser um amigo do povo angolano e de considerar Angola, país irmão de Portugal, um grande país de futuro. E não só em África.

As eleições legislativas vão ter lugar no próximo dia 5. Não desejo – nem posso – influenciá-las. Mas como observador desinteressado temo que possam ser uma excelente ocasião perdida. Porquê? Pelo desinteresse aparente dos angolanos e o silêncio que as rodeia. O facto de vários órgãos da imprensa portuguesa não terem obtido visto para as seguir e observar, como é hábito em todos os países, é um mau sintoma.

As relações entre angolanos e portugueses têm vindo a desenvolver-se muito, nos últimos anos. Sobretudo, entre as novas gerações. O que é muito importante. Há interesses recíprocos em causa, o que é natural e salutar. Mas as relações entre países amigos – e irmãos, na língua e na cultura – não se devem pautar apenas em interesses, os quais, hoje não têm Pátria. Devem ter em conta um melhor conhecimento recíproco, desenvolver, entre os dois Povos, uma amizade sincera, que exclui a subserviência e implica a verdade.

Estou certo de que as novas gerações das duas Pátrias vão compreender que é assim e reflectir sobre a visão estratégica dos dois países irmãos, em relação ao futuro. É o que verdadeiramente importa, mais do que os interesses materiais transitórios, que mudam com os ventos que sopram no Mundo ou os altos e baixos do preço do petróleo...